

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO:

O *Theatro*, pelo P.º Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Carta Encyclica do Santissimo Padre Papa Leão XIII*, ácerca da propagação da fé; *A necessidade de uma boa educação ecclesiastica*, pelo Dr. Manoel Xavier Pinto Homem; *Triumpho dos proscriptos em França*, pelo P.º H. Rainière, (conclusão)—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do Snr. Julio Ferry*, pelo P.º Felix.—SECÇÃO CRITICA: *Um mau livro de Historia*, pelo P.º Chrispim Cactano Ferreira Tavares, (continuação); *Coisas! Coisas!*, por um vimezanense.—SECÇÃO LITTERARIA: *Victor ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, traducção do P.º Lima, (continuação).—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE JANEIRO DE 1881

## O THEATRO

Um dia chegou em que, envolto em nuvem de fogo, baixou sobre a terra um genio sinistro, medonho, tremendo!

Como a espada ignea que se desem- bainha da entranha dos negrumes do firmamento para fulminar os homens e abalar a terra, desceu esse genio á beira dos caminhos, seguiu, e parou á porta de vetusta cidade, sentou-se e reuniu em torno de si os que passavam des- preocupados e os que lhe acudiram ao chamamento.

O genio era um Fausto. De velho e horroroso fizera-o Satanaz formoso como a tentação, atraente como o bello, se- ductor como a serpente do Paraizo e eloquente como a verdade.

Viram-n'ó e admiraram-n'ó. Contem- plavam os povos aquella formosura sur- prendente e amaram aquelle genio fe- cundo.

Meditava elle e os povos aguardavam que erguesse os olhos para lhe suppli- carem um olhar benevolo.

Attendiam-n'ó e esperavam ouvir o som da sua voz, como um canto cele- stial.

E o genio fallou. Compreendeu que o desejavam milhões de corações, e era aquelle o momento apeteecido.

E disse:— eu sou a revolução, mas chamo-me— a liberdade.

Trago nos labios as palavras de Christo, Redemptor dos homens, sou o progresso, redemptor das sociedades.

Sou a fraternidade, sede meus ir- mãos.

Sou a igualdade, sede o que eu sou!

Mas a ninguem disse: eu venho do inferno, surjo das catacumbas, cami- nho vacillante sobre os cadaveres que

immolo, calco a pés a virtude que der- ribo, devoro as sociedades que subjugo, lanço algemas aos povos que captivo.

Venho em nome do futuro, mas ca- minho para o tempo da infancia das na- ções, pareço formoso, e sou a imagem selvatica dos povos sem crenças, das familias sem honra, dos homens sem paz.

Derribo os monumentos seculares, le- vanto edificios sem alicerce, abato as torres dos templos, levanto os patibulos, abulo as penas de morte, por que basta o punhal dos meus sicarios para assas- sinar em meu nome.

Destruo os privilegios, e para privi- legio basto eu.

Não quero os festins de familia na paz do Senhor e na lei da moral. Nos meus festins espuma o vinho na cavi- dade dos craneos, e bebe-se aos impe- tos da orgia.

Foi longe a voz do genio. O vento levou-a nas azas do echo ao meio das cidades, e ao fundo dos vales, aos tem- plos de Deus e ás portas das masmor- ras.

Abriam-se estas de par em par, e saltou de lá uma turba ferina de alvião em punho, aos gritos triumphantes de —viva a liberdade!

Entrou no templo, abateu a Cruz dos altares para apagar a fé no coração dos crentes.

Foi aos monumentos para obliterar as inscripções gloriosas que o patrio- tismo ali deixára como um padrão sa- grado.

Foi á historia, rasgou as paginas dou- radas, que recordavam os triumphos da virtude da fé e do heroismo, e espalhou

sobre ella os sorrisos da duvida e do sarcasmo.

Foi aos lares, apagou-lhes o fogo, cor- rompeu o coração da familia, afrouxou os laços do sangue, e arrefeceu de um modo assustador o zelo paterno e a hu- mildade filial.

Depois, alluida assim pelos funda- mentos a vida social, lançou por terra o cadaver d'esse grande ser, para re- pousar sobre elle como uma campá de marmore negro sobre um tumulo.

E como que respirando da enorme fúlgua, o genio encarnado na turba, repetio ainda aos cechos: «eu sou a li- berdade!»

Mas o que vem do veneno d'essa vi- bora não é tudo.—As contorsões da fu- milia, que são as contorsões da patria, da religião e da sociedade não vão ape- nas á responsabilidade da revolução. Cada individuo tem tambem a sua res- ponsabilidade propria.

Embora triste o dia de hoje, os do- senganos deverão ser uma nova auro- ra, alegre e festiva, para o dia de ama- nhã.

Cançado das luctas, crivado das ei- catrizes, que as dissensões dos partidos lhe imprimiram no corpo, espinhado pelos tropeis, maltratado nos trium- phos, vilipendiado nos seus direitos, volve á casa, abatido e meditabundo o soldado illudido pelo entusiasmo irre- flectido da revolução.

Busca lenitivo no coração da espo- sa... encontra-o ermo. Dirige-se aos carinhos dos filhos, encontra-os gela- dos. Olha em torno de si, em torno do homem moral, encontra-se só.

E a revolução ruje ainda lá fóra, e brada-lhe: «não estás só, estou eu com- tigo, e eu sou a liberdade!»

Que lhe resta pois? Um gemido inti-

mo? Uma maldição em colera? Uma conricção para Deus?

Nega-lhe a fatalidade toda a consolação.

Parece que o precito está condemnado por si proprio.

A fatalidade torce-lhe o caminho.

Conduz a familia ao templo do Senhor para Lhe pedir graça; e topa no sitio onde outr'ora deixara a Igreja de Deus um theatro, que é hoje a Igreja de Satanaz.

E a revolução recebe-o ao portal e diz-lhe: «O templo de Deus derribei-o eu;—aqui mora a liberdade!»

Entra, observa, e reflecte: «mas isto tambem não é o theatro.

«Isto não é o tablado que outr'ora se levantava para instruir e moralisar o povo.

«Isto não é o tablado que Gil Vicente nobilitou, nem o que foi honrado por Garrett para elevar o coração e accender o espirito de patriotismo, por gloria das letras, e utilidade da familia!

«Isto é a revolução!»

Na cadeira de Mendes Leal assenta-se Victorien Sardou, na de Duarte de Sá apparece Offenbach. O drama portuguez e a comedia moral foram expulsos ás vozerias da canalha, a um aceno da revolução.

A ultima lagrima do enternecimento foi enxuta pela primeira gargalhada da devassidão, quando esta lhe disse: «eu sou a liberdade que ri.»

O Thalma coroa-se de louros para ensinar á esposa como se mofa da honra do marido, e a liberdade ri.

Ensina como se illude a vigilancia paterna, como prescreve a humildade filial, como se mancham as candidas vestes da innocencia, como se petrificam as mais santas inclinações da alma, e a liberdade ri.

Ensina como se abate o principio da auctoridade, como se adulteram os direitos e deveres do povo, como se destroa a ordem e a paz, e a liberdade ri.

Calumnia a Igreja do Deus, profana as palavras sagradas, fuz pedaços a historia da Civilisação, cospe de insultos o christianismo, ultraja o proprio Deus que nega, e a liberdade ri.

Injuria os thronos, esfacela as instituições, ensina ao povo como um povo se suicida, e a liberdade ri.

E o soldado da liberdade ri tambem ao lado da familia.

Quando volta a casa de novo se encontra só.

Chama pelas filhas, e cada uma lhe responde dos lupanares: «eu sou a liberdade!»

Pede á esposa uma lagrima de dôr e de vergonha, e ella responde-lhe ainda a rir: «eu sou a liberdade!»

Pede aos filhos a desafronta do seu nome illustre mortalmente ferido, das

traições da familia despidosamente manoscabadas, e um indifferentismo repellente lhe acolhe o appello.

D'outro lado está entre as multidões a auctoridade, que se impõe em nome da lei. A turba passa e arreda-a do caminho com a ponta do pé: «Lugar á liberdade, que caminha!»

Além, entre os esplendores do throno, um homem apparece levantado em nome da nação, e vem buscar ao coração do povo uma garantia d'amor e de respeito. Sobre as dobras do manto de purpura, que lhe pende dos hombros, caem blasfemias, como uma chuva de granito emanada das nuvens de chimeras, que pejam o cerebro dos tribunos da revolução.

E comtudo do alto do tabernaculo que as modernas loucuras lhe levantaram em meio das cidades, um vulto gigante, o genio, soberbo, insolente, empunhando um sceptro poderoso, aponta para o theatro, exclamando: «ali está a civilisação que eu creci, por que eu sou a liberdade!»

E ainda havemos de crer n'ella?...

P.º SENNA FREITAS.

## Secção Religiosa

### CARTA ENCYCLICA

DO

#### Santissimo Padre Papa Leão XIII

A TODOS OS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS DO MUNDO CATHOLICO EM GRAÇA E COMMUNHÃO COM A SANTA SÉ APOSTOLICA

*A todos os nossos veneraveis irmãos, patriarchas, primazes, arcebispos e bispos do mundo catholico em graça com a Santa Sé Apostolica.*

#### LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos, Saude e Benção Apostolica.

A santa cidade de Deus, que é a Igreja, não estando restricta aos limites de paiz algum, recebeu do seu fundador uma força em virtude da qual alarga mais e mais todos os dias a área das suas tendas e estende a tela dos seus pavilhões. Se hein que este augmento das nações christãs seja principalmente devido ao sopro e ao soccorro interior do Espirito Santo, realisa-se todavia exteriormente pelas obras dos homens e á maneira das coisas humanas; porque a sabedoria do Deus pede que todas as coisas sejam ordenadas e conduzidas ao seu termo, do modo que

convem á natureza de cada uma. Não ha porém um só e unico genero de homens e de obras com cujo auxilio se produza o acrescimo de novos cidadãos para esta Syão terrestre. Na verdade, o primeiro lugar compete áquelles que pregam a palavra de Deus: é isto o que o Christo ensinou por seus exemplos e por sua doutrina, e é tambem o que o apostolo S. Paulo inculcava n'estes termos: *Como hão-de crer n'aquillo de que não tiverem ouvido fallar? E como hão-de ouvir fallar se ninguém lhes prégar? A fé vem portanto da audição e a audição é dada pela palavra de Deus.* Esta função pertence áquelles que foram legitimamente iniciados no ministerio sagrado. Porém, são muito importantes a assistencia e o zêlo com que os auxiliam os que costumam fornecer os soccorros da ordem material ou attrahir pelas orações que dirigirem a Deus as graças celestes. E' por isso que o Evangelho louva as mulheres que *serviam com seus bens* ao Christo que prégarava o reino de Deus, e Paulo attesta que aquelles que annunciam o Evangelho receberam por vontade de Deus o direito de viverem do Evangelho. Da mesma sorte, nós sabemos que o Christo dera áquelles que o seguiam e que o escutavam este mandamento: *Rogae ao Senhor da seara que mande operarios para a sua seara;* e que os seus primeiros discipulos, a exemplo dos apostolos, tinham o costume de dirigir a Deus esta supplica: *Daee, que os vossos servos com toda a confiança annunciam a vossa palavra.*

Estas duas funções que consistem em dar e em orar são utilissimas para ampliar os limites do reino dos Ceus, e ao mesmo tempo têm a particularidade de poderem ser facilmente exercidas por toda a gente. Na verdade, qual é aquelle cuja fortuna é tão minguada que não possa, uma ou outra vez dar uma pequena esmola, ou a quem suas grandes occupações possam impedir de orar a Deus algumas vezes pelos mensageiros do Santo Evangelho? Os homens apostolicos sempre empregaram estes meios auxiliares, especialmente os Pontifices romanos, em quem reside o mais alto grau a sollicitude de propagar a fé christã; não obstante a maneira de adquirir estes subsidios não se ter conservado sempre a mesma, antes variado e divergido, consoante a variedade dos lugares e a diversidade dos tempos.

N'esta epocha, em que se gosta de accommetter todas as empresas difficeis com as luzes e as forças reunidas de muitos homens, Nós temos visto constituirem-se em diversos lugares associações, muitas das quaes se formaram tambem no intuito de contribuirem para propagar a Religião n'alguns

paizes. Entre outras distingue-se eminentemente a piedosa associação que ha perto de sessenta annos, se estabeleceu na cidade Lyon, em França, e que recebeu o nome de *Propagação da Fé*. Ella teve primeiramente por fim levar soccorros a algumas missões da America: em seguida, á similhaça do grão de mostarda, cresceu e tornou-se uma grande arvore cujos verdejantes e frondentes ramos se estendem de tal forma ao largo, que ella presta a todas as missões do mundo uma efficaz assistentencia. Esta preclara instituição foi promptamente approvada pelos Pastores da Egreja e honrada com os mais preciosos elogios. Os Pontifices romanos Pio VII, Leão XII e Pio VIII, Nossos predecessores, vivamente a recomendaram e enriqueceram de indulgencias. E sobretudo Gregorio XVI a favoreceu com muito mais zelo ainda e a abraçou em toda a plenitude da sua caridade paternal. N'uma Carta Encyclica, dada a 15 do mez d'agosto, do quadragesimo anno d'este seculo fallou da mesma n'estes termos: «Esta grande e santissima Obra que é sustentada, engrandecida, e prosperamente conservada por modicas offertas e por preces quotidianas dirigidas a Deus por cada um dos seus associados, e que tem por objecto sustentar os obreiros apostolicos, praticar para com os neophytos as obras da caridade christã e libertar os fieis do furor das perseguições, Nós, a julgamos dignissima da admiração e do amor de todos os homens de bem. Nem devemos deixar de crer que sem um designio particular da Providencia tenha sido concedido á Egreja um tão grande bem n'estes ultimos tempos. N'uma epocha com effeito, em que as machinações de todo o genero do inimigo infernal atacam a Esposa amada de Jesus Christo, nada podia succeder-lhe mais opportunamente do que vêr os fieis inflamados no desejo de propagar a verdade catholica e de reunirem os seus exforços e recursos com o fim de ganharem todos os homens para Jesus Christo.» Depois d'estas palavras, exhortava os Bispos a empregarem todos os meios, cada um na sua diocese, para que tão salutar instituição tomasse cada dia novo desenvolvimento. Tão pouco Pio IX, de gloriosa memoria, se afastou das pisadas do seu predecessor: não deixou perder occasião alguma de auxiliar esta tão benemerita sociedade e de promover a sua prosperidade. Com effeito, concedeu, por sua auctoridade, aos associados os mais amplos privilegios de benevolencia Pontificia, excitou a piedade dos christãos a sustentar a Obra e condecorou com diversas insignias honorificas os principaes de entre os associados que se distinguiam por meritos espeziaes; finalmente algumas

Obras auxiliares que tinham vindo annexar-se á *Propagação da Fé* receberam a approvação e os louvores do mesmo Pontifice.

Pelo mesmo tempo, a emulação da piedade produziu a formação de duas outras sociedades das quaes uma tomou o nome de *Santa Infancia de Jesus Christo* e a outra de *Escolas do Oriente*. A primeira propoz-se recolher e educar christãmente as infelizes creanças, que os paes, impellidos pela preguiça ou pela miseria, expoem deshumanamente, sobretudo na China, onde este barbaro costume está mais em uso. A caridade dos associados recolhe-as, pois, amorosamente, e, depois de algumas vezes as ter resgatado a dinheiro, vela por que sejam baptisadas afim de que cresçam com o auxilio de Deus, como esperanças da Egreja, ou possam ao menos gosar da felicidade eterna, se a morte as surprehender. A outra sociedade de que fizemos menção occupa-se dos jovens; faz convergir todos os seus exforços para que sejam imbuidos da sã doutrina e procura afastal-os dos perigos da sciencia fallaz para a qual deixam muitissimas vezes arrastar-se, impellidos por um desejo immoderado e imprudente de saber. De resto, estas duas sociedades prestam o seu concurso á associação mais antiga que tomou o nome da *Propagação da Fé*, e sustentadas pela esmola e pelas orações dos paizes christãos, ambas tendem, amigavelmente unidas ao mesmo fim: pois se exforçam por que, mediante a diffusão da luz do Evangelho, o maior numero possivel dos que são extranhos á Egreja cheguem ao conhecimento de Deus e o sirvam a Elle, bem como A'quelle que foi enviado, Jesus Christo. E' pois com bem justos motivos que, por Lettras Apostolicas, Pio IX, Nosso predecessor rendeu louvores, como já indicamos, a estas duas instituições e lhes concedeu liberalmente as santas indulgencias.

(Continúa).

### A necessidade de uma boa educação ecclesiastica

(EXTRACTO DO IMPORTANTE RELATORIO DO EX.<sup>mo</sup> SNR. DR. MANOEL XAVIER PINTO HOMEM, REITOR DO SEMINARIO DE SANTAREM)

«Attentas as circumstancias da epocha em que vivemos, a educação do novo clero reclama uma nova organização nos seminarios.

«E' incontestavel, salta aos olhos de todos que o estado moral e religioso da actual sociedade não é o que fôra ha 80 ou 90 annos; n'aquelles tempos que

passaram havia firmeza de crenças, honestidade de costumes e respeito por tudo quanto é religioso e divino, e na observancia d'este conjuncto de deveres e de virtudes não escaceavam vocações para a vida ecclesiastica, como complemento o remate de todas ellas.

«Os aspirantes ao sacerdocio recolhiam-se aos seminarios já de posse de muitas d'estas virtudes, que a palavra e exemplo de seus paes e mestres lhes tinham gravado no coração e que a sociedade lhes não tinha contrariado com maus exemplos. Vinham, pois, meio educados, e nos seminarios completavam a sua educação moral e litteraria, e sem grande resistencia iam adquirindo o espirito da dignidade ecclesiastica e zelo pelas coisas religiosas e o respeito á auctoridade que deve caracterisar todo o bom padre.

«Quando sahiam a ferias, não lhes eram estas prejudiciaes ao aproveitamento moral e litterario nem aos bons principios que tinham adquirido no seminario; porque não encontravam no meio da sociedade em que iam viver grande numero de maus exemplos que lhes contrariasse aquelle aproveitamento, e em seus paes tinham seguros, dedicados e zelosos protectores, que com interesse os afastavam de tudo que podesse ser prejudicial á sua moralidade.

«Era isto o que n'aquelles tempos de fé e moralidade se observava. É hoje que vemos?!... Um indifferentismo religioso, com privilegios de moda; um desleixo vergonhoso da maior parte dos paes de familia na educação moral de seus filhos; uma corrupção geral de costumes, que faz tremer todo o homem pensador!

«É esta corrupção não se limita aos grandes centros da sociedade: domina nas mais pequenas aldeias, assim como nas mais populosas capitaes; invade todas as profissões e todos os estados!

«N'este foco de corrupção geral que admira que poucas sejam as vocações para a vida ecclesiastica, que é uma vida toda de abnegação e soffrimento? Esses poucos mancebos, que por respeitos ou interesses humanos, concorrem aos seminarios, veem já saturados, pela maior parte, de maus exemplos, e muitos cheios de vicios! Dizem-se, ó verdade, com vocação para a vida ecclesiastica; mas essa vocação, de ordinario, existe só na vontade dos paes, e estes levam-na de retorno para casa.

«Não obstante este mau e deploravel estado de cousas, quando os mancebos, que seus paes dizem ter vocação para o sacerdocio, se recolhem aos seminarios em tenra idade (10 a 12 annos), a vida regular e methodica d'estes estabelecimentos vai influindo n'aquelles espiritos ainda debeis; os bons exem-

plos, o conselho e a prudente correção vão-lhes modificando os costumes e hábitos adquiridos menos regularmente, formando-lhes o coração na piedade christã; e até como que despertando-lhes vocação para o sacerdocio, se a não traziam: chega-se mesmo a conceber a esperança de fazer d'elles sacerdotes exemplares.

«Mas no fim de tres mezes de estada no Seminario, lá vão essas crianças caminho de ferias de Natal a passar em casa de suas familias quinze dias; e, acabado o anno lectivo, tres mezes. De fórma que passa o seminarista no meio d'uma corrupta Babylonia, e sem resguardo, a terça parte do anno! E quaes são as consequencias de tudo isto? O perderem em costumes e piedade, e mesmo em litteratura, quanto tinham adquirido no Seminario; voltarem ao antigo vomito, e entrarem de novo no Seminario em peor estado do que quando pela primeira vez ali deram entrada!

«E será possível que este vai-vem em costumes, estas continuadas e livres alternativas do bem e do mal, possam formar um padre como deve ser, e de que hoje tanto se precisa? Poderão conseguir-se officiaes de padre, machinas de formar sacramentos, como desgraçadamente por ali se veem muitos; mas padres de espirito e zelo ecclesiastico. padres no rigor da sua divina missão, nunca!

«E um official de padre, uma machina de sacramentos, poderá ser util em alguma cousa á religião, á igreja e ao estado?

«Para a religião é um indigno ministro; para a igreja um desprezador das suas leis, um corruptor das suas divinas e salutaes doutrinas, um escandaloso, um filho perdido que ella chora e lamenta; para o estado um exemplo vivo de relaxação, um perigo permanente á moralidade do povo ignorante, que é a maioria. E nos costumes dos padres que o povo procura regras e exemplos para o seu proceder, porque o povo vivo imitando, e isto o comprova a experiencia: os povos que teem a felicidade de possuir um parochio de vida regular e espirital são, em regra, morigerados em costumes e frequentes nos sacramentos; e o contrario de tudo isto se encontra nos povos que teem a infelicidade de ter um parochio relaxado e de mau costume. Com razão, pois, disse Massillon em uma das suas conferencias religiosas — *o mau padre é o maior flagello com que Deus castiga os povos, enquanto que o bom padre é o maior dom que lhes pôde conceder.*

(Continúa).

## TRIUMPHO DOS PROSCRIPTOS EM FRANÇA

(Continuação)

Estes dous pontos foram collocados pelas decisões dos tribunacs fora de toda a duvida. Muitas d'estas decisões confirmaram peremptoriamente os direitos dos Religiosos, mostraram que esta qualidade resultante d'um facto de consciencia não os podia privar das liberdades garantidas pela constituição a todos os cidadãos; o que violando estas liberdades, arrombando as portas, pondo os sellos nas das capellas, deitando fóra das casas seus habitantes, o governo tinha prevaricado na sua missão, que consiste sobretudo em defender de todo o attentado a liberdade individual, o domicilio, e a propriedade dos cidadãos.

Esta segunda serie de attentados commettidos pelos perseguidores dos Religiosos não é para nós menos clara que a primeira; e não duvidamos que quando a causa for julgada seriamente, nossos defensores não a demonstrem com a mesma evidencia. Mas ainda que fossem menos certos do que são os nossos direitos, ainda que se provasse que os decretos de 29 de Março tornaram criminosa a existencia das Congregações religiosas, até esse dia tida por innocente, não ficaria menos averiguado que as medidas adoptadas contra as Congregações violam leis incomparavelmente mais certas e mais sagradas.

Tal é presentemente a nossa situação face a face dos nossos perseguidores; se só olharmos á força bruta, nós ficamos vencidos e elles triumpham; porém se olharmos á dignidade moral, nós ficamos justificados e elles condemnados, condemnados não só pela consciencia publica, interprete da equidade natural, mas ainda mais pelos tribunacs, órgãos da legalidade.

Que podem contrapôr os nossos perseguidores a este *veredictum*?

Oppõem uma negação de justiça que acaba de os condemnar. Depois de terem declarado que esperavam pela decisão dos tribunacs, a repellem. Peor ainda, fazem calar os juizes, subtraem á justiça ordinaria uma causa que é da sua competencia, como todos unanimemente declararam; e a levam deante do tribunal dos «Conflictos», onde a preponderancia portence ao mesmo ministro que é o tudo na causa. Veremos pois por uma nova quebra dos primeiros principios de direito, pronunciada a sentença decisiva por um homem que será ao mesmo tempo juiz e parte!

Se como é licito reccar, esta sentença vem coroar com uma suprema injustiça todas as que já se tem commettido, não teremos razão de esperar que

então ao menos os olhos mais cegos se abrirão, e que os inimigos da Igreja serão reconhecidos por aquillo que são realmente, a saber como inimigos de toda a justiça, de toda a religião, de toda a ordem, de toda a liberdade? Appareça isto evidente a todos que atégora o tom desconhecido, e nós teremos mais alcançado pela perseguição do que se tivéssemos sido preservados. Veremos infallivelmente realisar-se a predição que o eloquente e corajoso defensor da nossa causa Mons. o Bispo d'Angers fazia aos deputados no dia seguinte ao da execução dos decretos. Não podemos molhor acabar este resumo que transcrevendo as palavras com as quaes o Prelado poz em toda a evidencia a posição respectiva dos Religiosos e dos seus perseguidores. São estas:

«Se por uma sentença prefectoral, apoiada por um decreto presidencial, vós podeis violar a liberdade religiosa, a liberdade do domicilio, a liberdade individual; se vós podeis legalmente expulsar proprietarios sem outra forma do processo, então tendes poder de fazer tudo o que quizerdes ou por *fas* ou por *nefas*. A manhã podereis com o mesmo direito e pela via administrativa, fora de todo o mandato, de toda a formalidade judiciaria, fechar as escholas livres, depois d'amanhã as faculdades livres, em seguida os estabelocimentos industriaes, e depois d'alguns dias uma redacção de jornal, uma estação de caminho de ferro, e que sei eu? .

«Ora bem, Snr. Ministro, uma situação tão humilhante este nobre paiz bem a pode soffrer, mas não a accerita; cedo ou tarde vol-o mostrarão. Sim, estes golpes de machado com que despedaçastes as portas das cellas dos PP. Jesuitas retumbarão dolorosamente nos corações do povo francez. O povo francez vos responderá com um longo grito d'indignação; e já deu este grito. Permitti-me que vos leia algumas linhas sómente d'un jornal estrangeiro, d'un grande jornal, o *Times*, que em muitas occasiões vos fez serviços com suas sympathias; deveria dizer com suas fraquezas.

«A dispersão dos Jesuitas, diz o *Times*, é um acto de despotismo; e se a Republica faz reviver leis que violam a liberdade individual, então não representa senão a substituição da tyrannia da multidão, á tyrannia d'um individuo. Se não pôde contar as turbas, a canalha, senão acariciando os seus odios, já não ha segurança para ninguém.»

«Esta linguagem, Senhores, será a de toda a imprensa europea, ao menos d'aquella com que se deve contar.

«Sim, Snr. Ministro, permitti que eu vos diga:—Errastes o alvo. Vossa ap-

parente victoria é uma derrota real. Identificastes a causa dos Jesuitas com a da liberdade; decretastes a esta grande e illustre Companhia de Jesus um dos mais bellos triumphos que alcançou no longo curso da sua historia; haveis levantado com a perseguição um pedestal que ella nunca sonhára. Vós fizestes que vinte cidades lhe proporcionassem ovações entusiasticas, cujo ruido ainda retoa nos meus ouvidos e no meu coração.

«Em quanto pois a este paiz, que foi testemunha triste d'essas scenas de violencia, d'esses actos de barbaria; em quanto a todos que ainda presam o direito e a justiça, lhes indicastes de sobrejo o terreno sobre o qual d'ora em diante deverão fazer, e contra vós, todas as eleições,—o terreno das liberdades publicas.»

P.º H. RAMIÈRE.

## Secção Scientifica

**O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do sur.**  
Julio Ferry.

Pelo Rev.º Padre Felix

### TERCEIRA CARTA

**O artigo 7.º e o direito da familia**  
(Continuação)

Se o pae é verdadeiramente o senhor como poderia haver outro senhor no mesmo dominio? Como poderia haver n'elle acima d'este soberano outro soberano? E consequentemente quem não veria que o artigo 7.º, introduzindo na familia sob forma de lei, outro direito e outra soberania, commette contra o mais certo de todos os direitos a mais flagrante das aggressões e contra a mais legitima auctoridade a mais reluctante das usurpações?

Nós podiamos ficar aqui, Snr. Ministro, porque diante do direito da natureza, e da logica do bom senso; pela auctoridade natural e pelo direito fundamental reconhecido por vós mesmo em toda a paternidade legitima, o vosso artigo 7.º está condemnado e convencido de attentar, para aponcal-o e mutilal-o, senão para supprimit-o inteiramente, contra o direito o mais incontestavel e o mais incontestado. Aqui a evidencia do direito só pode comparar-se com a evidencia da violação do direito.

Vamos todavia mais longe e acabemos de mostrar tudo quanto se deduz de nossas premissas, da mesma sorte que do centro luminoso deriva a luz.

Vede como aqui, a evidencia intrin-

seca que borbulha do intimo das consciencias, é confirmada pela evidencia extrinseca que borbulha dos testemunhos da historia.

Vós tendes reconhecido, Snr. Ministro, que em verdade, no ponto de vista rigorosamente historico e chronologico, a sociedade domestica precede a sociedade publica e que por conseguinte tem direitos anteriores a todo o direito de qualquer Estado: ella tem, originariamente, uma autonomia completa e uma independencia total diante de qualquer outra sociedade humana, pois que a familia em seu direito e em seu governo essencial não podia depender de uma sociedade publica que ainda não existia. A familia, em caso nenhum tem podido renunciar este direito primitivo de se governar a si mesma e por si mesma, direito que deriva de sua natureza e de sua essencia. Portanto, se, por hypothese, multiplicando-se as familias, os seus chefes naturaes concordam entre si em crear um Estado e um governo commum, isto é, uma força central organizada para as proteger a todas contra a violencia e a aggressão, como é possível conceber que estes chefes de familia se desapropriem em favor do Estado constituído por elles mesmos da auctoridade e do direito que está inherente á sua paternidade e que nunca em tempo algum, ainda que quizessem, poderia ser por elles renunciado?

Como pôde o Snr. Ministro persuadir-so que estes paes de familia, procurando por meio da constituição de um governo e de um Estado, uma defeza commum para a conservação e para a paz de suas familias, julgavam por isso, renunciar o direito absolutamente inalienavel de instruir, de formar, e de educar per si mesmos seus filhos, ou pelo menos de os mandar instruir, formar, educar por homens da sua escolha? A quem fareis vós acreditar que os chefes de familia pedindo a um Estado que estenda sobre ellas sua egide protectora, pretendem abrir-lhe de par em par as portas do sanctuario domestico e conferir-lhe a faculdade de ver ahi tudo, de dirigir ahi tudo, de governar ahi tudo, mesmo a alma e o coração dos filhos?

Não, mil vezes não, uma tal hypothese não é admissivel. Contra uma tal absorção do pae no cidadão, contra uma tal abdicación do mais sagrado de todos os direitos protestam juntos o coração dos paes e o coração das mães e com elles a razão popular assim como a razão philosophica. E eu não receio affirmar que n'esta população dos Vosges que vos gloriaes de representar não ha um só camponez simplesmente esclarecido pelo bom senso e pela consciencia de um homem honesto, e com

um coração de verdadeiro pae, que possa crer n'esta voluntaria abdicación dos direitos da paternidade em favor da omnipotencia dos Estados. Vós mesmo, Snr. Ministro, não credes, não podeis crer em semelhante abdicación. Quaesquer que possam ser em vós as preocupações do homem de Estado e as paixões do homem politico, ó certo que unicamente levado pelas inspirações de vossa consciencia, de vossa razão, e de vosso bom senso, desaproveaes no mais intimo de vossa alma esta apostasia dos direitos da paternidade em favor dos Estados, esta irrupção dos Estados no sanctuario das familias, para ahi governar tudo quanto ha de maior e de mais precioso: a alma e o coração dos filhos.

E se Deus tiver de elevar-vos, algum dia, á honra de uma paternidade santa, eu não receio affirmal-o: contra uma semelhante abdicación protestará do mais intimo de vós mesmo uma voz mais poderosa que todas as outras, a voz do coração paternal reivindicando seus direitos desconhecidos. Sim, estou bem certo disso: vós, pae, dareis ao politico desmentidos triumphantes; exprobrar-lhe-heis o ter tentado, com o fim de conquistar uma vã popularidade, abater em vossa patria, uma das mais augustas auctoridades que ha na patria; e, quem sabe? talvez amaldiçoareis este artigo 7.º que desherda a paternidade do mais caro dos seus direitos e que abre ás invasões do Estado o seio da familia para abandonar á sua omnipotencia a educação dos filhos.

Mas eu ouço d'aqui V. Ex.ª exclamar: Como poderei ser convencido de invadir o sanctuario da familia e de querer lá governar a alma e o coração dos filhos, unicamente por que retiro a certos homens; cujas doutrinas e tendencias me são suspeitas, a faculdade de ensinar a nossa juventude franceza?

Todavia, nada mais facil de conceber, Snr. Ministro. O que dá feição e forma á alma e ao coração dos filhos, o que lhes imprime um caracter e lhes dá uma direcção para toda a vida é o ensino e a educação. E não será precisamente por este motivo, que quereis attribuir ao Estado como funcção propriamente sua, o papel de tutor e de instituidor da juventude? De certo que sim. Fazer á imagem do Estado moderno, isto é, á vossa propria imagem, as gerações modernas, eis aqui seguramente a vossa ambição. Ousareis negal-o? Mas então diz-vos aqui o pae de familia profundamente offendido em seu direito: como é que tirando-me, em nome da lei, a plena liberdade de escolher eu proprio, como me apraz, o mestre e o educador de meus filhos, deixareis de ser convencido de querer,

segundo a vossa fantasia, governar sua alma, formar seu coração e por isso mesmo invadir no que elle tem de mais intimo e sagrado, o sanctuario da vida domestica? Que podereis vós arrebatarme de mais precioso e de mais verdadeiramente meu que esta faculdade de educar ou de fazer educar, á minha vontade, meus proprios filhos?

Ainda se eu, pae do familia, justamente cuidadoso de tudo aquillo que interessa a vida de meus filhos, podesse, sem reserva, confiar no ensino do Estado! Se eu pudesse dizer sem receio de me enganar: O Estado pensa como eu penso, o que eu creio é o que elle crê, o que eu quero é o que elle quer; o seu ensino não será contrario ao meu ensino; elle não inculcará á intelligencia de meus filhos outras ideas que não sejam as minhas proprias ideas, elle professará diante d'elles as mesmas doutrinas que eu professo e lhes ensinará a respeitar a religião que eu respeito! Ora que pensa o Snr. Ministro ácerca d'isto? Porventura o vosso ensino do Estado promette aos paes de familia que ha-de ser a continuação e o remate do seu proprio ensino? D'estes paes de familia cujos filhos ambicionaes formar, bem apuradas as contas, as tres quartas partes, pelo menos, reclamam para os seus o ensino que fez a França e que ainda professa a immensa maioria dos francezes, o ensino da Igreja catholica e romana. Este facto é certo? e esta situação da maioria dos paes de familia francezes diante do Estado que deve representar a França, acaso é contestavel? Pois bem! eu interrogo o proprio Snr. Ministro: Como é que elle promette responder aos votos dos paes de familia que querem que a escola, a escola primaria, secundaria e mesmo superior, continue para com seus filhos o ensino fundamental recebido na familia catholica?

—Mas nós não impedimos as familias de dar ou de mandar dar dentro de casa, um ensino religioso qualquer; o direito do pae de familia fica intacto e a sua liberdade completa.

—Deveras! acreditai-o? E é assim que comprehendes a liberdade da immensa maioria dos paes e das mães que professam a religião catholica, ou uma religião positiva qualquer! Elles poderão ensinar a seus filhos a religião que professam; mas não terão o direito de escolher, para acabar e consolidar este ensino, os instituidores que julgarem mais capazes e mais dignos de continuar a obra da sua paternidade! E obrigados pela lei que quereis impor-lhes e pelo ensino obrigatorio do qual já meditaes fazer o natural complemento do vosso artigo 7.º, ver-se-hão na dura necessidade de fazer ouvir a seus filhos, em vossas publicas

escolas do livre pensamento, um ensino absolutamente opposto ao ensino religioso do lar domestico!

(Continua)

## Secção Critica

### UM MAU LIVRO DE HISTORIA

(Continuação)

«No 4.º seculo da edade media Carlos Magno entre os Saxões e em tempos mais modernos os hespanhoes nas duas Americas são testemunhas incontestaveis da nossa asserção.»

Tudo quanto diz o snr. Doria n'este periodo é falso.

Primeiramente é falso que Carlos Magno obrigasse os Saxões a abraçar á força suas crenças.

Os Saxões que eram infieis invadiram muitas vezes, como salteadores, as provincias dos Francos. No anno 772 Carlos Magno conduziu um copioso exercito contra elles; entregaram-se e impetraram paz, mas com a condição não de abraçarem a verdadeira crença á força, mas de não estorvarem os Missionarios que acompanhavam o Rei, de prégarem livremente entre elles a fé catholica. E' pois falso que Carlos Magno obrigasse os Saxões a abraçar á força a sua crença.

Os Saxões acceitaram a condição que lhes foi imposta por Carlos Magno, mas no fim de dous annos expulsaram os Missionarios e invadiram algumas provincias dos Francos e as devastaram; Carlos teve de reprimir de novo sua audacia e de novo prometteram não impedir a prégação da Religião catholica: varias vezes mais se desmandaram e outras tantas Carlos Magno os obrigou ao cumprimento do que haviam promettido, até que se converteram ao catholicismo, mas converteram não por serem a isso obrigados á força, mas porque esclarecidos pelos ensinamentos catholicos e ajudados pela graça divina se chegaram a convencer de que estavam no erro, e de que a Religião catholica é a unica Religião verdadeira.

O procedimento de Carlos Magno estaria em harmonia com a doutrina catholica? Estava. Santo Thomaz, que conhecia muitissimo bem o espirito do christianismo exprime-se assim:

«Infidelium quidam sunt qui nunquam susceperunt fidem, sicut gentiles, et Judaei: et tales nullo modo sunt ad fidem compellendi, ut ipsi credant: quia credere voluntatis est: sunt tamen compellendi a fidelibus, si adsit facultas, ut fidem non impediunt, vel blasphemias, vel malis persuasionibus, vel

etiam apertis persecutionibus: em portuguez quer dizer: Ha infieis que nunca receberam a fé, como os gentios e os judeus: nem uns nem outros se hão-de obrigar a abraçar a crença catholica, porque o crer é acto de vontade: devem com tudo serem obrigados, se é possivel, a não impedirem a fé, nem com blasphemias, nem com más persuasões, nem com perseguições.

D'aqui se vê que Carlos Magno procedeu como devia proceder.

Seu procedimento deveria ser e certamente seria outro se se tratasse não de gentios, mas de herejes. Ouçamos ainda a Santo Thomaz:

«Alii vero sunt infideles, qui quandoque fidem susceperunt, et eam profitentur, sicut haeretici, et quicumque apostata: et tales sunt etiam corporaliter compellendi, ut implcant quod promiserunt, et teneant quod semel susceperunt (1)»

Quizemos transcrever tambem estas palavras para que se veja que os herejes e apostatas não estão no mesmo caso que os gentios.

Do que deixamos dito se vê que o snr. Doria calumniou a Carlos Magno, pois é falso que este Rei obrigasse os Saxões a abraçar á força suas crenças.

Em segundo lugar é tambem falso que os hespanhoes nas duas Americas obrigassem os habitantes d'ellas a abraçarem á força suas crenças.

Bergier refutou esta falsidade nos seguintes termos:

«E' fóra de duvida que os primeiros hespanhoes que descobriram a America e n'ella penetraram eram a escoria de sua nação, aventureiros, criminosos que tinham fugido das prisões, malvados que haviam merecido a morte: iam além-mar movidos pela sêde do ouro, pelo atractivo das riquezas, pela esperança da impunidade. E' absurdo attribuir a semelhantes homens um zelo bem ou mal regulado; a maior parte d'elles já não tinham religião. Não foi pois um zelo fanatico de religião que foi o principio de seus crimes. Elles atormentaram os Americanos não para obrigar-os a converterem-se, mas para forçal-os a descobrirem seus thesouros, a fornecerem-lhes ouro (2)»

D'aqui se vê que o snr. Doria no que disse com relação aos hespanhoes falsificou a historia e foi duas vezes calunniador: 1.º porque os criminosos de Hespanha não são os hespanhoes: 2.º porque os tormentos que esses hespanhoes fizeram soffrer aos americanos não eram encaminhados a forçal-os a abraçarem a Religião catholica, mas a cedorem-lhes suas riquezas.

(1) Sum. Theol. 2. 2. 9. 10, d. 8.

(2) Bergier, Diction. th., na palavra Americque.

Porem suppondo mesmo que fosse verdade o que o snr. Doria falsamente attribue a Carlos Magno e aos hespanhoes, poder-se-hia acaso imputar ao christianismo as faltas de alguns christãos? Não, mil vezes não.

Demos outra vez a palavra ao snr. Doria:

«A par das immensas vantagens devidas á *influencia politica* do christianismo, tem querido alguém descobrir-lhes perigos e desvantagens e nós (que campeamos de orthodoxos) (1), fazendo a devida distincção entre *influencia espirital* e *influencia politica* do christianismo, não regeitamos aquella opinião. Entremos na questão. A religião de Jesus Christo, . . . é força confessional-o, esta religião santa soffreu modificações.»

Que linguagem tão hypocrita, tão sophistica, tão perfida e tão inexacta!

Que se teem descoberto perigos e desvantagens na influencia politica do christianismo! E' certo, certissimo que a politica ou a arte de governar deve ser subordinada á Religião. Não; a politica não é independente da Religião, como o homem não é independente de Deus. Mas d'essa subordinação e dependencia nunca resultaram perigos nem desvantagens.

(Continúa).

P.º *Chispim Caetano Ferreira Tavares.*

## COISAS! COISAS!

### II

O *Citoyen*, jornal socialista, está publicando uma serie de artigos em que é desmascarado completamente o *opportunist* Gambetta. Esses artigos contêm accusações muitissimo serias e bem provadas contra o *Cocles* auctor do *voilà Cénneui!* De resto, os *cidadãos* do *Citoyen* não são melhores que o chefe do opportunismo, salvo em serem menos hypocritas; e isso, a fallar a verdade, já não é pouco, politicamente fallando, nos tempos que vão correndo.

Leia o *Primeiro de Janeiro* e *tutti quanti della stena risma*, ou do mesmo farello! Vejam como os inglezes protestantes continuam a estar doudos respeitando bispos, jesuitas, etc.

«No banquete da despedida dado ao Governador Sir Richard Temple pelo

(1) Campear de orthodoxo não é o mesmo que ser orthodoxo, como campear de homem honrado não é o mesmo que ser-o: pois vemos que muitas vezes grandes patifes se chamam homens honrados e probos.

*Byculla Club* o *Hon'ble Justice West* (em Bombaim) ao propôr o *toast* em honra dos hospedes alludiu nos seguintes termos a S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo Meurin da Companhia de Jesus:

«Temos cá presente um representante de progresso moral e intellectual combinado na pessoa d'um distincto cavalheiro que está assentado perto de mim, e que hade reconhecer que debaixo d'este firmamento banhado do sol e sob a benefica influencia do regime Britanico, elle se acha livre para os melhores exercicios do seu intellecto e para a manifestação d'aquella benevolencia que o trouxe a estas praias»

S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo, a quem coube a honra de responder em nome dos hospedes, agradecendo ao nobre Juiz as suas amaveis expressões, disse que tendo vivido em diferentes paizes e sob varios regimes, nunca tinha gosado de liberdade tão perfeita como a que ora gosava sob o regime Britanico.»

E' verdade que S. Ex.ª Rev.ª nunca veio a Portugal. . . , nem sequer á nossa Africa, como o Padre Duparquet, da Congração do Espirito Santo! . . .

O Sr. Carvalho, redactor do *Conimbricense*, criticando um jornal republicano que faz gala do atheismo, escreve:

«Se algum intransigente monarchista se quizesse lembrar de um meio de prejudicar a propaganda republicana, de certo não podia achar melhor idea do que ligar o atheismo a esta forma de governo. Valha-nos Deus com tal falta de critica e de bom senso.»

Diz bem; mas não seria mau produzir argumentos menos interesseiros. . . De resto, que grande differença irá de ser atheu a ser *erastiano* ou adorador do *deus* Estado?!—A bom entendedor meia palavra basta.

Escrevem de Cochim:—«A vinda do *inlyto* marquez de Ripon para Vice-rei da India ingleza tem causado por aqui verdadeira satisfação; a ninguem, porém, causou sobresalto, que a Grã-Bretanha não é alguma França republicqueira ou outro qualquer paiz, onde o redemoinhar da poeira *livre* não reconheça campo que não seja seu. Essa nomeação do novo Vice-rei, como a expulsão dos Jesuitas em França, synthetizam o caracter dos respectivos governos.»

O que dirão a isto os *liberal*es de cá, tanto monarchicos (2) como republicanos e socialistas, que só sabem applaudir as brutalidades e despotismos dos gambetteiros? A tal respeito, como a respeito do que escrevem os jornaes inglezes e americanos, callam-se muito calladinhos! . . . Pudera!

Narra a *Germania* que Evers, Pastor lutherano d'Urbach, fez a 17 de abril a sua profissão catholica, sendo o motivo principal d'essa conversão a admiração que lhe inspirou a attitudo da Egreja Catholica no *Kulturkampf*. Já não é o primeiro.

Muito bem!—Louvores a Deus.

Os governantes revolucionarios de Italia quando decretaram a dispersão das Ordens religiosas (roubando-lhes de mais a mais o que tinham), fizeram isso sob o pretexto de não convir á sociedade a existencia de bens de *mão morta*. As Ordens não existem pois civilmente; por conseguinte tambem já não existem bens de *mão morta*: são todos de *mão viva*. Ora, ultimamente apparece uma circular do ministro do interior, o Sr. Depretis, lembrando aos Prefeitos a «obrigação» de participarem logo ao governo algum caso que se dê nas comunidades ainda existentes (de mulheres) de imposição de veio ou profissão religiosa, afim de se darem as «devidas providencias» que são duras e despoticas, como tudo o que a maçonaria decreta para ferir a Egreja.

Logo não foi só o acabar com os bens de *mão morta* que se teve em vista; mas pretende-se igualmente acabar com a vida religiosa na Italia. E' preciso voltar ás catacumbas!

E viva a *liberdade* e a *civilização* moderna dos *macaqueiros* que macaqueiam os macaquistas da grande republica!

Como o «Catholicismo está morto» ou pelo menos «muribundo» e as Ordens religiosas «não são do nosso tempo», toca a preparar os esbirros e a ter de prevenção o exercito contra o pasmoso inimigo que morto ou quasi morto ainda mette medo! Quem os perca?

A seguinte noticia é mais agradável. Um correspondente de Londres para a *Aurora*, de Roma, diz que toda a imprensa *protestante* «tem feito um generoso e cordeal acolhimento aos Religiosos que, expulsos da sua patria por um bando de malfeitores, todos os dias aqui estão chegando a pedir asylo, protecção e paz ao nosso paiz, onde, graças a Deus, a palavra *liberdade* não é uma *vã* mentira, nem bandeira para *satisfazer paixões politicas*, e sentimentos de odio religioso. Em Bristol foram entusiasticamente recebidos os Religiosos Capuchinhos da provincia de Paris, em direcção a Cork, sua nova residencia. A recepção que em Dublin tiveram os Oblatos fez bolir os nervos á *Republique* de M. Gambetta».

E' depois de se referir ao benevolo e hospitaleiro acolhimento que os Religio-

sos tem tido na Hespanha, falla outra vez da Inglaterra:

«O nosso Episcopado não está menos contente com os valorosos auxiliares que lhe envia a perseguição. E' fóra de duvida que o crescer constante das casas religiosas entre nós, as suas obras, os seus collegios, as suas pregações, o seu exemplo, as suas orações, tudo isto enfim será um grande reforço para a Igreja contra este baluarte do protestantismo, que necessita conquistar palmo a palmo, reduzil-o por uma lucta constante e sob todas as formas.»

A *Ordem* escreve com a sua energia e o seu bom senso do costume:

...«Um convento de *Capuchinhos*, situado sem o minimo obstaculo junto do collegio tão favorito dos protestantes (em Londres), um convento que é uma maravilha do genio moderno, tão chegado ao Palacio de Crystal, não será uma prova eloquente dos progressos da Igreja na Inglaterra?»

E os phariseus da liberdade em nosso paiz a pedirem a perseguição vergonhosa para defeza da *liberdade!* E o jacobino *Primeiro de Janeiro* e o incolôr *Noticias* a pôrem em sua corda bamba a *liberdade...* do sr. José Luciano!!

O dialogo que vae ler-se é da *Esperança*:

—Sabes a quem se attribue a invenção das machinas aereostaticas?

—Sei: — a *Mongolfier*.

—Exacto. Aos irmãos *Mongolfier*, aeronautas em 1783. Porém, não se diz que houve um jesuita que se adiantou bastante áquelles senhores. Ninguém se costumou a dizer que o *padre Gusmão* já tinha construido em 1709 um balão, que subiu, a 9 de agosto, desde a torre da *Casa da India*, diante de immensa multidão, cruzando o espaço que separava este edificio do *Terreiro do Paço*, descendo sem o minimo accidente; ninguém se lembra de que o governo concedeu a *Gusmão* muitos privilegios, e de que o povo entusiasmado lhe chamou o *voador*.

Ninguém diz, tão pouco, que outro padre da Companhia, *Grimaldi*, em 1751, atravessou, n'uma hora, em balão, o Pas de Calais.

Ninguém menciona os jesuitas nos manuaes de phisica; e, todavia, as datas de 1709 e 1751 são bastante anteriores a 1783, em que os irmãos *Mongolfier* fizeram os seus primeiros ensaios. Quando se fará justiça aos jesuitas?

—Poder-se-ha dizer o mesmo a respeito de todos os inventos?

—De quasi todos: é bem certo o ríflão: *uns comem os figos, a outros rebenta a bocca.*»

Um ministro presbyteriano annuncia no *New-York Independant* que o protestantismo declina n'aquella cidade. (Outro ministro rectifica aquella asserção no *Southern-Churchman* dizendo: o protestantismo em *New-York* não declina, está morto.

*Boa resposta.*—Um biltre, com aspirações a espirito forte, sahindo a passeio em companhia de um filhinho, encontrou uma mulher, a quem o apresentou, dizendo:

—Que tal lhe parece o meu filho? Não o acha gordo e bello? Pois, aqui onde o vê, não está baptisado!

—Está gordito, está: mas lá tenho eu em casa um porco muito maior e mais gordo que tambem não é baptisado...

Lê-se na *Ordem*:

«Os Anglicanos defendendo as Ordens Religiosas:—Grévy e a sua republica estão condemnados até pela igreja anglicana.

Nós lamentamos que em Porutgal, em assumpto d'esta ordem, fique atraz d'aquella igreja, e que não haja, n'este paiz outr'ora fidelissimo, quem, a não ser algum jornal catholico, levante a voz para condemnar a iniquidade com que são expulsas de suas casas as ordens religiosas, e para levar algumas palavras de consolação ás nobres victimas.

A união da igreja anglicana dirigiu a Sua Em.<sup>a</sup> o Snr. Cardeal Arcebispo de Pariz a seguinte manifestação:

Londres, 9 de novembro. Monsenhor.

—Em nome da liberdade, tão cara aos inglezes, os abaixo assignados, membros do clero da igreja anglicana, e leigos pertencentes á mesma communhão, desejam expôr a vossa Eminencia, e por sua mediação, a todos os catholicos de França, a indignação que lhes produz a perseguição a que actualmente se veem reduzidas as ordens religiosas.

«Ao ouvir fallar de conventos violados, capellas profanadas, e homens, recommendaveis por sua piedade e boas obras, arrojados á rua, não podemos ficar silenciosos.

«Permitti-nos pois fazer chegar por via de vossa Em.<sup>a</sup> ás victimas de tão injusta perseguição a expressão da nossa decidida sympathia, na afflicção que ellas supportam, e a segurança de que, quaesquer que sejam as divergencias que desgraçadamente subsistem entre nós sobre outros pontos, e por mais serias que estas sejam, estamos de alma e coração a seu lado na nobre lucta que sustentam pela causa sagrada da liberdade e da religião.

«Tenho a honra de ser, monsenhor, de vossa Eminencia, obedientissimo,

servo—*Carlos E. Wood*, presidente.»

Em nome do conselho geral da *União da igreja anglicana*, representando 12 Bispos, 2:500 membros do clero e 15:800 leigos.»

A proposito accrescenta a *Esperança*: «Fallando da carta dirigida pela *União da igreja anglicana* ao sr. arcebispo de Paris, diz o *Figaro*!

«Triste é dizel-o; porém é forçoso confessal-o: a tolerancia religiosa e a liberdade individual, não existe senão entre os protestantes.

«Os republicanos não admitem a liberdade senão como um direito de perseguir os seus concidãos.»

Temol-o dito mil vezes, e o *Figaro* é da mesma opinião. O liberalismo é peor que o protestantismo.»

UM VIMARANENSE.

## Secção Historica

VICTOR

OU

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO II

Flavio Sabino

(Continuação)

—Ah! Eu bem sei o que Nero vale e pode, responden Sabino, já muito indignado; isso, porém, poderá impedir a mim ou a qualquer homem honrado de defender a justiça, quando a pretendem menosprezar? E não é porque eu procure proteger os christãos, continuou dizendo com sarcastico sorriso; é verdade, que os não eximo de culpa por não adorar a Jupiter, a Marte e a Venus; mas será isso bastante para dar-lhes a morte? Se todos os que não crêem n'essas *poderosas e puras* divindades tivessem de ser suppliciados, estou bem persuadido, que os christãos teriam muitos companheiros.

—Lá isso é verdade, responderam todos.

—Porque os mandam então matar? Porque é que lhes tohem a liberdade de adorar ao seu Jesus, que elles veneram como Deus? Pois Roma, que admite todos os deuses do mundo, porque é que se revolta contra esto? E quem me diz, que o Deus Jesus não vale mais que os nossos? Permitti que vos faça esta pergunta e appelle para



vossa franqueza. Quem d'entre vós acreditará e mesmo respeitará o *gran Jupiter*, não fallando já n'outras divindades inferiores?

A esta pergunta todos se calaram: e na verdade era esta a resposta mais expressiva; porque ás vezes o silencio diz mais que um discurso.

—E esses dous homens, ou melhor, esses dous heroes, que vieram da Judêa e succumbiram ha pouco, ás mãos do verdugo... vi-os eu responder aos juizes, e declaro francamente, que não pude deixar de admirar-os. Que valor e que mansidão ao mesmo tempo, mostrou ao morrer Pedro, o galileu! Com que mestria, com que magnanimidade fallou no tribunal Paulo, o cidadão romano! E com que alegria caminhavam para o lugar do supplicio! Oh! Essa recordação, acrescentou elevando os olhos ao céu, não se riscará nunca da minha memoria! Jámais a olvidarei!

Sabino calou-se, e os convivas olharam-se mutuamente estupefactos, perguntando-se se estariam a comêr com um christão, de quem já se dispunham a fugir, como se foge de um empestado. Elle percebeu-os e continuou dizendo:

—Tranquillizai-vos; eu não pertencço á seita dos nazarenos. Contento-me em admirar-os e julgo-me obrigado a defendel-os, quando se offerecêr occasião.

—Na verdade, disse Marcia suspirando, havias-nos assustado, Sabino.

—D'aqui em diante, minha nobre senhora, calar-me-hei, sobre este assumpto e fallarei d'outras cousas de menos importancia e mais alegres.

—E' o que deves fazer, meu amigo, disse Publio Lucio; porque se nosso imperador chega a ouvir-te, embora seja por bocca de terceiro, pode confundir o defensor com os accusados e o advogado com os réos.

—Não lhe tenho mêdo: tomára eu, que se proporcione occasião, que eu não trepidarei dizer-lhe tudo o que sinto.

—Pelos deuzes, Sabino, sê moderado e prudente. Bem sabes, que o Cesar não conhece outras leis senão as que lhe dicta o odio, exclamou Lucio apertando a mão ao seu conviva.

Para mudar de conversa, Severo que até então se tinha entretido em escutar os interlocutores, annunciou, que a Gran-Bretanha, novamente insurreccionada, havia sido subjugada pelas legiões romanas.

—Tanto melhor! disse Flavia Longina: é o meio de termos em Roma mais gladiadores e grandes festas.

—E sabe-se qual é a legião da Gran-Bretanha que se insurreccionou? perguntou a mesma.

—O paiz do Silures, respondeu Severo; e até se affirma, que seu rei Toffrid fôra morto na ultima batalha.

—Antes assim, disse Sabino; pois causar-me-hia muita pena vel-o soffrer em Roma a humilhação a que se viu sujeito seu pae Karaktaco, quando ha alguns annos o trouxeram vencido e o fizeram entrar algemado, feito objecto de vaidade para uns e mofa para outros.

—Por Jupiter! exclamou Lucio. Estou a desconfiar, que ha laços de parentesco entre ti e o rei Toffrid.

—Tanto ha, que minha esposa era irmã d'elle.

Houve então um momento de silencio, durante o qual todas as vistas se fixaram em Sabino.

Elle foi quem primeiro o rompeu, dizendo:

—E sabes, Severo, que será feito do irmão de Toffrid?

—Elle teve algum?

—Teve; chamava-se Welfrid.

—Não sei nada.

—Pois é singularissimo, murmurou Sabino, ficando logo silencioso o pensativo. Terminado o lauto banquete e sendo já noite, os convivas foram-se retirando uns após outros, nas suas liteiras; Sabino, porém, depois de despedir-se de Publio Lucio e de Marcia, sua esposa, foi a pé para seu palacio, precedido de dous escravos com archotes.

Quando entrou em casa recostou-se a um canapé; e assim tencionava passar a noite. Mas de repente, como se uma idéa lhe houvesse perpassado pelo pensamento, levanta-se, pega n'um castiçal e dirige-se á sala mais retirada do palacio. Adiantou-se com precaução, andando nas pontinhas dos pés sobre o rico tapete do Oriente, e parou ao pé do bêrço d'um menino, depois de ter deixado o castiçal um pouco distante.

Um escravo negro resonava sobre um traverseiro, que havia pôsto no chão. Sabino fez por o não acordar, mas conchegando-se ao menino, que dormia o somno tranquillo da innocencia, com os bracinhos estendidos por sobre a colcha de finissima lã, que o cubria, e a cabeça um pouco inclinada para o lado onde dormia o escravo, permaneceu um pouco silencioso, contemplando-o com amor. Depois pronunciou a meia voz estas palavras:

—E's mesmo o retrato de tua mãe. Infeliz Ela! E, todavia, és romano, embora o não pareçam indicar teus louros cabellos e teus olhos azues como o céu.

E roçando seus labios pela face do menino, o beijou com effusão paternal.

O menino moveu-se, e Sabino calou-se. Pouco depois continuou seu soliloquio d'este modo:

(Continúa).

**Ao nosso collega do «Comercio do Minho» enviamos nossos cumprimentos por haver entrado no nono anno da sua publicação.**

## Retrospecto da quinzena

E' dever nosso desejar a todos os leitores do *Progresso Catholico* as mais felizes, as mais alegres, as melhores boas festas; que para todos fosse prospero o anno que acaba de sumir-se na voragem do tempo, e que todos, ao vel-o sumir, tenham d'elle saudades.

Dever é tambem nosso, porque de bons portuguezes o fora sempre, offer-tar alguma coisa, a quem, durante um anno, paciencia tivera para aturar-nos; e, mercê de Deus, de espavento são as consoadas que a todos enviamos. Já mais noticia tão grata, para corações catholicos, estampada fora nas columnas do nosso periodico.

Recebam-na, pois, todos os nossos leitores com aquella alegria, que nós sentimos ao recebê-la.

Eil-a ali vae, tal qual a transcrevemos do nosso excellento collega de Madrid, *La Ilustracion Catolica*:

«Não ha muitos dias que se encontravam juntos em carroagem os snrs. Sagasta, Martos, Castelar e Pi y Margall. Um amigo nosso, que seguia no mesmo coche asseverou-nos que os vira chorar; e que, pelos braços uns dos outros os vira entrar na rua dos Reis, atravessar a Praça dos Capuchinhos e penetrar na dos Dois Amigos, chamando assim a atenção de quantos passavam pela rua. Era natural a supposição de que entrariam para alguma loja, e não fallou quem assim o julgasse; mas o contrario nos é affirmado, pela copia d'uma carta que temos presente, a qual revela todo o mysterio:

«Sr. D. Antonio Cánovas del Castillo:

Nosso caro senhor e antigo companheiro: Sob a sabia direcção dos padres Jesuitas, acabamos de fazer nove dias de exercicios espirituaes.

O arrependimento de nossos grandes peccados, bem grato deve haver sido a Deus, por isso que agora disfructamos a paz que gozam as boas consciencias, paz com a qual, não podem comparar-se os gozos do poder. Como o filho prodigo do Evangelho, voltamos á casa paterna, e maldizemos os grandes males, que o extravio de nossas paixões tem causado á mãe patria, victima de nossas discordias.

Conhecendo por experiencia as van-

tagens d'esta conversão, convidamos a V. Ex.<sup>a</sup>, a quem de veras amamos, a que faça outro tanto, certos de que será o maior dos bens, que em toda a vida lhe possamos fazer.

Todos juntos iremos ás cortes e obri-garemos nossos amigos a seguir igual caminho, retirando-nos para sempre á vida privada.

Que recolham nossa herança os filhos que jámais abandonaram a casa pater-na, mas antes que trabalharam quanto possível para reparar os estragos por nós causados, á custa de sua perseve-rança heroica e de espantosos sacrificios.

Somos de V. Ex.<sup>a</sup> affectuosissimos, etc. —Sagasta—Martos—Castellar—Pi y Margall.»

A estas horas não se sabe o resulta-do produzido pela carta que deixamos estampada; mas, segundo noticias par-ticulares, e que temos como certas, pa-rece que o snr. Cánovas perguntara os signaes da casa onde reside o padre La Torre.»

Verdadeiro, como supomos, este fa-cto, que melhor consoada nos podera-dar o nosso Bom Deus; e que melhor a poderamos dar nós aos nossos leitores? Não é para os filhos do catholicismo a maior das glorias saber da volta ao aprisco de quatro ovelhas perdidas, já-mais quando são das mais importantes d'uma nação catholica?!

Que dirá a isto o dr. Theophilo Bra-ga, o atheu sem importancia, a que ul-timamente o nosso primeiro romancista Camillo Castello Branco acaba de amar-rar ao pelourinho da critica severa, açoitando-o desapidadamente, deixan-do-o em publico despido das roupagens de sabio, que lhe vestira não se sabe quem, para o mostrar tal qual é—um ignorante de primeira força?

O governo atheu, que actualmente dirige os destinos da França caminha a passos de gigante pela senda das tropelias e de toda a casta de tyrannias. Ultimamente foi interpelado nas camaras por haver mandado arrancar e que-brar os crucifixos e mais emblemas re-ligiosos que ornavam as salas das es-cólas.

Mereceu-lhe isto o desaire de ser cen-surado por uma maioria de 150 votos, que tantos foram os deputados que re-provaram tão selvagem medida.

Na Russia parece que as ultimas ne-gociações tendem a uma conciliação com a Santa Sé, segundo o que nos diz o jornal polaco *Pizegland Luorvski*.

E esta noticia é confirmada pelas se-

guintes linhas que achamos no excel-lente jornal catholico de Pariz *L'Univers*: «Pode crer-se, graças á firmeza de Leão XIII, que a era das perseguições dioclecianas, terão terminado para sempre na Polonia.

E' forçoso fazer justiça ao espirito nobre do Gran Duque herdeiro, e sobre tudo á alta intelligencia e ao nobre ca-racter do general Loris Melikoff, que rea-lisaram uma extraordinaria mudança nas disposições do imperador Alexandre II, mudança que dará uma satisfactoria conclusão aos negocios entre a Santa Sé e a Russia.»

Estas noticias e as de centenaes de conversões que diariamente nos annun-ciam do estrangeiro, são balsamo que refrigera as feridas que doem á Igreja.

A proposito de conversões o *Osserva-tore romano* annuncia a conversão ao catholicismo de vinte cinco ministros ritualistas inglezes.

Quinze catholicos novos, acabam tam-bem de receber o sacramento da con-firmação das mãos de Monsenhor d'Amye-la, bispo coadjutor de Westminster.

Ha tambem noticia da conversão de Horacio Widcocks de Plymouth, da fami-lia de Fisk, ministro protestante, de Cabhods, um dos primeiros proprietarios do condado de Suffolk, de sua mu-lher e filho, e, finalmente, de Stanley, artista de grande nomeada.

E de Madrid a *Fé* diz-nos:

«No domingo ultimo, abjurou os er-ros do protestantismo, o snr. João Piaux Biella, que por espaço de vinte e tres annos se dedicou á diffusão da heresia. Versado nos estudos biblicos, conven-ceu-se de que o protestantismo era uma heresia, e auxiliado pela graça de Deus, que o chamava ao seio da religião ver-dadeira, não só fez solemne abjuração, mas vae publical-a, para a offerecer a todos os ministros evangelicos e aos bons catholicos, para honra e gloria de Deus.»

Se acrescentarmos a tudo isto o se-guinte quadro do movimento catholico em Londres, na capital d'um paiz pro-Testante, damos com o Guilherme Dias em pantana:

O relatorio annual de s. em.<sup>a</sup> o car-deal Manning, Arcebispo de Westmin-ster, sobre a educação em sua archidio-cese, demonstra que este ultimo anno augmentou o numero das creanças ca-tholicas nas escholas: honve a mais 1:086.

Os subsidios concedidos pelo governo protestante representam um augmento sobre os annos anteriores de 69:500 libras (310:750\$000 réis, perto de 311 contos).

Os inspectores (protestantes) do go-verno confessam nos seus relatorios que

as escholas catholicas tem suplantado, no exito feliz dos exames, as demais escholas, da Igreja nacional ou dos dis-sidentes. Na archidiocese ha 5 *Ordens Religiosas*, e 24 Congregações de *Irmãs da Caridade* que se occupam da educa-ção e instrucção das creanças, tudo sob a direcção do illustre Arcebispo.

Aos espiritos fortes que tremem ao ver o digno juiz de direito d'esta comarca presidir á Conferencia de S. Vi-cente de Paulo, apontamos o facto de ser o Marquez de Ripom membro d'esta associação, apezar de representar o go-verno inglez, protestante, n'uma das mis-sões mais importantes, tal como a de Vice-Rei na India. E mais apontamos o elle pronunciar em meio da Conferencia de Bombaim, entre outras as seguin-tes palavras:

«Asseguro-vos que me causa grandis-simo prazer o estar em meio de vós n'esta occasião. O cargo que me ha si-do confiado recentemente, de Vice-rei da India, impossibilita a minha continua-ção nas fileiras dos socios activos da Sociedade, e sinto muito esta circum-stancia. Não quero por um momento insinuar que haja qualquer posição por alta ou laboriosa que seja incompativel com a posição da Sociedade. A historia da Sociedade de S. Vicente de Paulo nos mostra que alguns dos seus mais acti-vos e desvelados membros, nos varios paizes do mundo, tem sido homens, que embora immersos em negocios impor-tantes, souberam comtudo furtar ao pouco tempo livre que tinham ao seu dispor o meio de dedicar algumas horas ao serviço de Deus e socorro dos seus pobres.»

Só sente o nobre Marquez, o imme-diato da rainha de Inglaterra, não po-der ser seu socio activo! Se fosse um Governador Geral d'este nosso bello paiz, pelo unico facto de pertencer á Conferencia de S. Vicente de Paulo, era capaz de fazer cahir as instituções, des-thronar a realza, rasgar de alto abaixo a Carta Constitucional, e levantar for-cas, e atear as fogueiras em meio das praças, porque estas cousas todas as fa-zem os membros da Conferencia.

Os do avental e da trolha, esses é que não fazem cahir as instituções; e n'essa sociedade é que podem estar reis, deputados, mestres, pares e tudo quanto a musa antiga canta.

J. DE FREITAS.

## Secção Bibliographica

*O novo mensageiro do Coração de Jesus.* — Um formoso livro. — *Las Misiones Catholicas.* — *A Europa Pittoresca.* — Um almanak luxuoso. — *A Historia popular dos Papas.* — O que nos fica para o n.º seguinte.

Principiamos esta secção noticiando o apparecimento d'um novo soldado nas fileiras do jornalismo catholico em Portugal. O que ha a esperar d'elle dil-o bem alto o nome do redactor principal e dos collaboradores. O primeiro é o revd.º padre José Joaquim d'Alfonseca Mattos, filho d'esta terra, que tantos heroes conta em seus annaes, e com a amizade de quem ha muito nos honramos. Os segundos são: Dr. João de Lemos Seixas Castello Branco, soldado da velha guarda da imprensa jornalística, o mais mavioso dos poetas contemporaneos; D. Miguel Sotto Mayor, bem conhecido já nos arraiaes da imprensa onde se defende Deus e a patria.

Eis o programma que nos foi enviado pelo revd.º Director Central do Apostolado da Oração em Portugal:

### NOVO MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS

ORGÃO MENSAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO, LIGA DO CORAÇÃO DE JESUS E DA COMMUNHÃO REPARADORA SOB A DIRECÇÃO DO DIRECTOR CENTRAL DO APOSTOLADO EM PORTUGAL

«Um órgão proprio e privativo do APOSTOLADO DA ORAÇÃO em Portugal, como ha em França e n'outros paizes, é uma necessidade reconhecida; assim como são manifestas as vantagens Moraes de uma tal publicação.

Os membros do Apostolado carecem de conhecer com promptidão as resoluções pontificias, que lhes dizem respeito, e as que podem emanar do Director Central n'este reino; carecem de saber, a tempo, a *intenção geral* e as *particulares*, os fructos da Obra derramados no mundo, de que todos os associados espiritualmente aproveitam, e differentes outras coisas de palpavel utilidade para o bom regimen, prosperidade e augmento do mesmo Apostolado.

Semelhante publicação deve ser, além d'isto, um novo laço, que ligue entre si os membros d'este grande corpo, que lhes afervore a devoção e que, levando-lhes mensalmente noticias do bem, os afaste das noticias do mal, ou, pelo menos, das frivolas, que, quando não são nocivas, apenas servem para o alimento da curiosidade ociosa.

Para occorrer áquellas necessidades regularmente, e promover estas vanta-

gens vae publicar-se o NOVO MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS, — *Orgão do Apostolado.*

As difficuldades com que as empresas d'este genero luctam sempre em Portugal, como falta de pessoal, limitado consummo e outras, teem impedido até agora o Director Central de regular devidamente este objecto. Lisongea-se, porém, de que parte d'essas difficuldades estão hoje vencidas, e espera da boa vontade e zelo dos membros do Apostolado, que vencerão a outra parte.

Attendendo pois á summa importancia e ás grandes vantagens da publicação mensal do *Novo Mensageiro*, que entretendo fielmente a comunicação directa do Centro principal com os differentes Centros parciaes estreita cada vez mais a união de todos os membros d'esta grande Associação com o divino Coração de Jesus, julgo necessario advertir o seguinte, afim de podermos conseguir mais seguramente o nosso intento:

1.º O Redactor será o Rev. Padre José Joaquim d'Alfonseca Mattos — rua do Quellas 6, Lisboa —, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia relativa á redacção d'esta revista. Serão collaboradores os Ex.ºs Srs. Dr. João de Lemos Seixas Castello Branco e D. Miguel Sotto Mayor.

2.º Administrador será o Ex.º Sr. José Franco de Souza — rua do Arco da Bandeira, n.º 30, Lisboa —, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia relativa á administração.

3.º Cada numero do *Novo Mensageiro* conterá 3 folhas de impressão, ou 48 paginas em 8.º, broxadas.

4.º O preço annual de cada assignatura, que deverá ser paga adiantada, será, para Portugal e ilhas adjacentes, 800 réis, porte franco. Para o estrangeiro accresce o porte do correio.

5.º O assignante que enviar á administração nove assignaturas, além da sua, terá esta gratuita.

Recominenda-se toda a clareza nos nomes e na direcção do correio.

N. B. — Todos os Directores ou Presidentes do Apostolado tomarão uma assignatura paga pelo cofre do centro onde presidem.

Os zeladores e zeladoras que teem sob a sua vigilancia a quinzena do Rosario podem tomar uma assignatura cotizando-se cada socio com a modica quantia de 40 réis annuaes. Esta assignatura não é privativa do zelador ou zeladora ainda que seja expedida em seu nome, mas commum a toda a quinzena.

Recommendamos pois mui encarecidamente a todos os Directores ou Presidentes, se dignem receber todas as assignaturas do seu centro com os seus importes e remetter tudo o mais breve

possivel ao Administrador do *Novo Mensageiro*, visto não poder a nossa revista sair á luz sem sabermos o numero das assignaturas: no caso porém de se não poderem encarregar d'este trabalho, farão o favor de incumbir o Thesoureiro ou outra pessoa capaz.

Finalmente confiando muito na boa vontade e dedicação ao divino Coração de Jesus, que o Apostolado portuguez sempre tem mostrado, e muito mais na graça divina que Jesus derrama sobre as obras de sua gloria, encetaremos animosos este trabalho.

Sou com a maior estima e dedicação de todos infimo servo

P. Luiz Prosperi.

Director Central do Apostolado.

Lisboa — Calçada do Salitre n.º 367 — 2.º

21 de Setembro de 1880.

Toda a importancia deve ser remetida em vales do correio ou d'outro qualquer modo seguro, ao Administrador d'esta publicação.»

Annunciamos hoje aos nossos leitores um livro, que bem desejaramos ver nas mãos de todos os catholicos. E' o seu titulo: *Pequena bibliotheca religiosa, ou instrucções theoreticas e praticas para conhecer e cumprir os deveres que a Religião impõe a todo o christão.* E é devido á penna do revd.º padre Joaquim José Alvares de Moura, da Congregação das Missões.

Poucos dos nossos leitores haverá que não conheçam este sabio e piedoso missionario, que tem passado a mór parte dos dias da vida no serviço de Deus e da humanidade, e o conhecimento do auctor é, a nosso parecer, a mais forte recommendação para o livro que nos occupa. Não obstante diremos que ainda não vimos um livro, de tanta utilidade e que reuna, em menos de 500 paginas, tudo quanto o christão e o cidadão carecem saber para viver em face de Deus e do mundo. Só um espirito esclarecido como o do incansavel missionario podia architectar um edificio com tantos departamentos quantas são as necessidades d'uma alma ávida de todas as consolações de religião santissima de Jesus; e só elle, a quem se deve esse soberbo conjuncto de edificações, que dominam Felgueiras, podia dar-nos, por tão diminuto preço um livro de tanto valor, por qualquer lado que o consideremos.

E' um volume de perto de 500 paginas, magnificamente encadernado, e que apenas custa 400 réis!

E o producto da venda d'este livro é

todo applicado para o Collegio Hospicio, que se anda construindo junto do Collegio de Santa Quiteria, bem conhecido no paiz.

Se os nossos leitores teem desejos de adquirir um bom livro e querem dar-nos o prazer de ir um dia levar ao seu auctor, o producto dos exemplares que para aqui nos mandou, e com o qual elle, aquelle santo varão, continuará as obras emprendidas, peçam-nol-o, que nós seremos prestes em o enviar pelo correio, em dar o nosso trabalho para uma das obras que mais causam a nossa admiração.

Entra agora no segundo anno de publicação a interessante revista hespanhola — *Las Misiones Catolicas*, e é, por isso, a epoca mais asada para se fazer a assignatura da mesma. Por vezes nos havemos occupado de uma obra que tem por fim mostrar os trabalhos realisados pelos ministros do Evangelho, nas diferentes partes do mundo, para plantar a cruz, e á sombra da cruz edificar templos, e junto aos templos crear escolas civilisadoras em meio do mais feroz dos barbarismos. Limitamo-nos hoje a reproduzir o suminario do ultimo numero que acabamos de receber. Eil-o:

TEXTO.—La iglesia de Santo Domingo en Manila.—Tres Prelados dominicos.—COREA: Cautiverio del Rdo. Deguette (continuacion).—AFRICA ECUATORIAL: *De Bagamojo á los lagos Nyanza y Tanganika*: I, De Tabora al lago Victoria-Nyanza (continuacion).—CABO DE BUENA-ESPERANZA: De Lóndres á Port-Elisabeth: llegada de una Comunidad de Trapenses á Dunbrody. CANADÁ: Viaje del P. Ducot, misionero de Good-Hope (Athabaska-Mackenzia), á través de las nieves.—NUEVA-CALEDONIA: Sangrienta persecucion contra la Mision católica en la isla de Maré.—NUEVA-NURSIA: IX Visitas: construccion de chozas: combates: castigo de los crimenes.—CRÓNICA: Roma, Hu-pe oriental, Esmirna, Japon meridional, Verapoly, Madagascar.—LUZON: Informe sobre la reduccion de las tribus infieles (continuacion).—EFEMÉRIDE: La cruz milagrosa de Meliapur (18 Diciembre 1857).—NECROLOGÍA Padre Carlos Quarteron, prefecto apostólico de Labuan y Borneo (9 Marzo 1880): Rdo. Mac-Elroy, vicario general de Gulburne.

GRABADOS —Retratos de los Ilmos, Fr. Pedro Payo, arzobispo de Manila; Fr. Mariano Cuartero, obispo de Jaro, y Fr. Bernabé Garcia Cezon, obispo de Biblos. —Vista exterior é interior de la iglesia de Santo Domingo en Manila (3 grabados). —Grupo de seminaristas indigenas del Hu-pe oriental en China.—Catedral de Esmirna. Retrato del Padre Cuarte-

ron, prefecto apostólico de Labuan y Borneo.

Custa 35000 réis por anno, publica-se duas vezes por mez, e recebem-se assignaturas na administração do *Progresso Catholico*.

A *Europa Pittoresca* é uma publicação luxuosa, de que recebemos o 1.º fasciculo, e que se distribuirá mensalmente. Não vimos ainda em Portugal publicação que tanto honre o paiz, e que mais possa abrilhantar uma sala, por mais aristocrata, por mais aprimorado gosto empregado na sua decoração. Em meio do gabinete, cujas paredes sejam cobertas dos quadros mais bellos dos mais laureados pintores; sobre a meza da sala, onde a dama elegante amontoa tudo quanto o bom gosto e arte saiba crear, ali terá cabida a *Europa Pittoresca*.

Para o amigo de viagem; para quem goste de correr o mundo sem abandonar o placido viver do lar, sem deixar os afagos da familia, facil modo tem de fazer essa viagem, adquirindo a *Europa Pittoresca*.

As gravuras são esplendidas, o papel cartão e o trabalho typographico executado nas melhores officinas da capital de França.

Distribue-se em fasciculos de 24 paginas por mez, e custa por anno 65000 réis.

Concluimos asseverando que na lingua de Camões, e modernamente, se não escreveu ainda um livro com tanto luxo, com tanto primor.

Felicitamos o Snr. David Corazzi e recommendamos tão extraordinaria publicação.

Outra obra de grande luxo, e que n'esta occasião temos diante de nós é o *Almanaque de la Ilustracion para 1881*. É um volume de 152 paginas, em quarto grande e onde a arte typographica, a gravura, e a lithographia entornaram a torrentes todos os seus primores; e onde os litteratos hespanhoes espalharam quantas flores podem brotar de intelligencias esclarecidas. Pode dizer-se que este almanach é uma exposição de quantas conquistas tem feito a visinha nação nos campos de litteratura e da arte.

Aos editores e proprietarios da *Ilustracion Española y americana*, e da *Moda Elegante Ilustrada*, agradecemos o mimoso brinde e o recommendamos a nossos leitores como o mais formoso, o mais esplendido, o mais valioso brinde, que se pode fazer a um amator. Custa apenas 2 pesetas (400 réis).

Acerca da *Historia popular dos Papas*, por J. Chantrel, editada pela mesma empreza do *Progresso Catholico* le-se o seguinte em dois jornaes:

«É por sem duvida esta obra de Chantrel, e assim o testemunha a accitação que tem tido nas numerosas edições originaes e traduzidas que d'ellas se hão publicado, um dos melhores livros escriptos sobre a historia do papado, e merecedor é pois o snr. Teixeira de Freitas de não regateados encomios, por ter emprendido sua publicação em edição portugueza excellente e ao alcance de todas as bolsas.»

(«Aurora do Cavado» de 7 de novembro de 1880.)

«Recebemos mais duas cadernetas da *Historia popular dos Papas* por Chantrel, vertida para portuguez por Antonio José Carvalho. Estas duas cadernetas completam o segundo volume que se estende até ao fim do decimo quinto seculo. Esta obra é realmente digna da consideração de todas as pessoas que estudam e desejam conhecer a historia dos Papas e da Igreja. As duas cadernetas, cuja recepção accusamos e agradecemos, além de outras cousas notaveis, trazem uns estudos esplendidos sobre o pontificado de Innocencio III e sobre as cruzadas. Continuamos a recommendar aos nossos assignantes a leitura d'esta obra realmente admiravel.»

(«Crença Religiosa» de 11 de novembro de 1880.)

Continua aberta a subscripção para os poucos exemplares que restam, aos fasciculos mensaes, de 130 paginas, em 4.º a duas columnas pelo preço de 400 réis cada uma.

Recebemos a *Vida Pratica* e outras publicações, cuja apreciação deixamos para o n.º seguinte.

F. DE GUIMARÃES.

*Subscripção para o infeliz entreado que deseja ir a Lourdes*

Transporte ..... 25600

Continua aberta a subscripção.

IMPRESA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS